

AS INDÚSTRIAS PAULISTANAS E OS FATORES DE SUA EXPANSÃO

PASQUALE PETRONE

O parque industrial da capital paulista ocupa uma posição verdadeiramente ímpar dentro da vida industrial brasileira. As grandes etapas da sua evolução e os fatores que explicam sua admirável expansão são estudados, no artigo que se vai ler, pelo prof. PASQUALE PETRONE, sócio efetivo da A. G. B., secretário da Seção Regional de São Paulo e assistente da cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

As origens do parque industrial paulistano. — A função industrial de São Paulo é recente; mais velhos, já aparecem no alvorecer do aglomerado, os pequenos officios, caracterizadores de um artesanato que abastecia os pouco numerosos habitantes existentes nos três primeiros séculos de vida paulistana. Durante esse longo periodo, o artesanato foi o único tipo de manifestação industrial. Tudo quanto dependesse de um trabalho industrial de maiores proporções era importado, importação que naturalmente ficava condicionada ao baixo poder aquisitivo, consequente, em parte, do baixo nível de vida dos habitantes de então.

Todavia, as artes, os officios, a indústria doméstica, representativos das atividades que podiam ser tidas como industriais, apresentavam uma importância secundária, quer no aglomerado colonial, quer no imperial; não podiam ser equiparadas às outras funções que, como a religiosa, a militar, a político-administrativa, a comercial, a cultural, caracterizam o núcleo em suas principais etapas de desenvolvimento.

Entretanto, durante o século XIX, surgiram em São Paulo as primeiras manifestações de uma indústria na concepção atual, pequena indústria, naturalmente. Dessas primeiras manifestações, falam-nos os numerosos viajantes estrangeiros que, passando por São Paulo, deixaram suas impressões escritas. Com um caráter pioneiro, de natureza instável, tentativas esporádicas, foram as pequenas fábricas de *fiação e tecelagem* que, com maior frequência, surgiram na cidade.

Tal situação perdurou até à República, quando realmente teve início a industrialização de São Paulo. Essa primeira fase da indústria paulistana, que se desenvolveu aproximadamente de 1890 até à primeira guerra mundial, coincide, no seu aparecimento, com a fase áurea da imigração italiana. Entre 1887 e 1914, portanto em 27 anos, o Estado de São Paulo recebe 809.650 imigrantes italianos, dos quais 387.990 chegaram na década de 1892 a 1901 (1). No mesmo período, a população da cidade de São Paulo quase quadruplicou, pois pelo recenseamento de 1890 a cidade possuía 64.934 habitantes (2), enquanto que em 1900 atingiu 239.820 habitantes.

O imigrante veio completar o complexo econômico que se constituiu no planalto, no último quartel do século XIX. No início desse período, os cafezais passaram a recobrir sempre maior superfície, conquistando a zona de Ribeirão Preto, em uma faixa que circundava ao Norte, Este e Oeste, a antiga zona cafeeira de Campinas (3). As estradas de ferro, como verdadeiros tentáculos, foram penetrando nas regiões cafeeiras do Estado (4). São Paulo tornou-se centro de irradiação ferroviária, seu comércio passou a ser mais intenso e, conjuntamente com Santos, a capital veio a constituir um sistema econômico de primeira grandeza dentro do Brasil.

O eixo econômico do país, que já se havia deslocado do Nordeste para a zona da mineração, caminhou mais uma vez, deslocando-se em direção ao sul, para as ondulações do planalto paulista, que se foram recobrimdo pelo verde escuro dos cafezais. Enquanto outras regiões brasileiras vegetavam ou iniciavam mesmo um processo de decadência econômica, a Província, logo depois Estado de São Paulo, apresentava uma ascensão esplêndida e vigorosa. A abolição da escravidão, em 1888, que afetou extraordinariamente a estrutura econômica de quase todas as outras regiões do Brasil, praticamente não alterou o ritmo normal da evolução econômica planaltina. O imigrante supriu com perfeição as necessidades dos fazendeiros de café e o trabalho livre possibilitou uma distribuição melhor de riquezas. Houve, em consequência, maior movimento de capital.

(1) DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRABALHO (Seção de Informações) — *Dados para a história da imigração e da colonização em São Paulo*, São Paulo, 1916.

(2) Convém notar que, em 1890, o município de São Paulo compreendia os distritos da Sé, Consolação, Santa Efigênia, Brás, Penha e Freguesia do Ó. A cifra indicada, portanto, não reflete a realidade para a cidade de São Paulo, pois muitas partes desses distritos eram tipicamente rurais.

(3) MILLIET (Sérgio) — *Roteiro do Café e outros ensaios* — Departamento de Cultura, São Paulo, 1939.

(4) PINTO (Adolfo Augusto) — *História da Viação Pública de São Paulo*, São Paulo, 1903.

Essa metamorfose da economia planaltina completou-se com a formação de um mercado consumidor, que até então não existira. Esse mercado consumidor caracterizou-se, em confronto com a situação anterior, por apresentar maior número de consumidores (aumento rápido da população) e consumidores de padrão de vida e poder aquisitivo mais elevados (colonos e população urbana originários dos movimentos migratórios).

Foram êsses, portanto, os fatores que condicionaram o primeiro surto industrial no Estado de São Paulo e, particularmente, na capital.

A década de 1890-1900. — A importância da década 1890-1900 para a indústria paulistana poderá ser verificada pelos dados abaixo, elaborados com os elementos obtidos na obra de Bandeira Júnior sobre a indústria em São Paulo, em 1901. (5)

O total das principais fábricas existentes na época era de 100 (fiação e tecelagem, moveis, vestuário, bebidas etc.). Dêsse total, várias pertenciam a estrangeiros, das quais 34 a italianos. Esta cifra, bastante sugestiva, torna-se mais significativa desde que completada pelo que pudemos averiguar quanto ao número de operários. O operariado de São Paulo, abrangendo pessoas dos dois sexos, adultos e crianças, era aproximadamente de 8.000 (7.962); dêsse total, cerca de 5.000 (4.999) eram estrangeiros, na sua esmagadora maioria italianos, 803 eram nacionais e aproximadamente 2.100 (2.160) não especificados — provavelmente com elevada percentagem de estrangeiros. É o proprio Bandeira Júnior que escreve a respeito: "Duas coisas parecem concorrer para esse rápido progresso no desenvolvimento industrial: o espírito empreendedor do paulista e a imigração italiana" (6); e mais adiante: "O corpo de operários no Estado de São Paulo eleva-se a número superior a cinquenta mil entre homens, mulheres e crianças, quase em sua totalidade italianos" (7).

Apesar da simpatia que o autor citado demonstra com relação aos italianos, é inegável que não exagera ao enquadrar a industrialização dentro de uma moldura em que a imigração ocupa lugar de destaque. Pena não ter dado nenhum realce à situação, em parte decorrente, tal como a da criação de um mercado consumidor de valôr.

As 100 fábricas existentes em 1901, da maioria das quais Bandeira Júnior nos fornece as datas de fundação, surgiram nos seguintes periodos:

(5) BANDEIRA JÚNIOR (Antônio Francisco) — *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901* — Tip. do "Diário Oficial", São Paulo, 1901.

(6) BANDEIRA JÚNIOR obra cit., pág. 10.

(7) BANDEIRA JÚNIOR obra cit., pág. 10.

<i>Ano da fundação</i>	<i>N.º de fábricas</i>
Antes de 1880	16
De 1880 a 1889	16
De 1890 a 1894	21
De 1895 a 1901	39
Total	100

Por êste quadro verifica-se, desde logo, a importância do período de 1890 a 1901, quando foram fundadas 60 das 100 fábricas então existentes. Sem chegar ao exagêro, pode-se afirmar que a última década do século XIX assistiu ao primeiro "rush" industrial paulistano.

Essa atividade ocasionou a metamorfose da cidade. Fez com que se destacasse entre as demais cidades brasileiras e, ao mesmo tempo que dá início à primeira fase importante do crescimento da cidade, iniciou a caracterização de algumas áreas, dentro da cidade, por paisagens novas, decorrentes de uma atividade até então de pequena valia. "Apenas a Capital Federal é quase tão fabril como São Paulo, mas a sua indústria não enlaçou ainda todos os ramos abrangidos por São Paulo, que... não só as iniciou mais cedo do que qualquer outro Estado, como explora algumas que não existem na Capital Federal, sendo certo e cumprindo notar, que todos os ramos industriais existentes nas várias localidades do Brasil são já explorados em São Paulo em larga escala, com confessável e reconhecida primazia na produção" (8) — é assim que Bandeira Júnior salienta a posição de destaque de São Paulo, que já é a cidade descrita por Elisée Reclus (9), com uma população dinâmica, ativa, muito interessada no trabalho, porque isto significava enriquecer, pouca atenção dando às coisas e iniciativas culturais.

No referente à caracterização de paisagens funcionais, pode-se afirmar que data desse período a preferência das áreas industriais por determinadas partes da cidade, particularmente pelas zonas próximas às ferrovias; o Brás e o Bom Retiro apareciam com maior número de indústrias, embora importantes também fossem a Água Branca e o Ipiranga. É verdade, entretanto, que, abrangendo elevado número de ramos industriais, as fábricas e principalmente oficinas paulistanas eram encontradas, com relativa facilidade, nas ruas da colina central (São Bento, Dr. Falcão, José Bonifácio) e de áreas próximas, como é o caso de Campos Elíseos e Vila Buarque.

(8) BANDEIRA JÚNIOR, obra cit., pág. 10.

(9) RECLUS (Elisée) — *Nouvelle Géographie Universelle*, tómo XIX — Liv. Hachette, Paris, 1894.

O verdadeiro surto industrial. — Durante a primeira metade do século XX, importantes acontecimentos mundiais vieram repercutir extraordinariamente no desenvolvimento da cidade, particularmente em função da localização, no aglomerado, de um verdadeiro parque industrial: a primeira grande-guerra (1914-1918), a grande crise econômica de 1929, com repercussões no Brasil em 1930 (crise cafeeira), e a última conflagração mundial.

O período da primeira grande-guerra assistiu a um avultamento da industrialização paulistana. Realmente, o desenrolar de uma guerra que, durante quatro anos, praticamente envolveu todo o mundo, com a conseqüente interrupção e, às vezes, completa paralização dos meios de comunicação, portanto do comércio mundial característico de situações normais, São Paulo, como muitos outros centros verdadeiramente não industrializados, viu-se em embarços. Viu-se em embarços com a falta daqueles produtos industriais indispensáveis à população, que não eram fabricados em São Paulo, por não existirem as matérias primas ou porque a iniciativa nem sempre era compensadora, sendo adquiridos no exterior. Ante essa emergência, o problema foi parcialmente solucionado, quer pela fabricação de produtos similares aos anteriormente importados (possibilidade proporcionada pela falta de concorrência), quer pela fabricação de produtos que, embora obtidos com matérias primas diferentes, mesmo inferiores às utilizadas em outros países, supriam o mercado consumidor (10).

A evolução da indústria em todo o Estado de São Paulo, nesse período, pode ser verificada pelo seguinte quadro:

Valor da produção industrial do Estado de São Paulo (11)

ANO	VALOR
1908	96.217:830\$438 rs.
1911	210.885:000\$000 rs.
1914	212.231:730\$000 rs.
1915	274.147:422\$000 rs.
1916	358.911:968\$000 rs.
1917	562.381:651\$000 rs.
1918	556.801:100\$372 rs.
1919	712.662:372\$062 rs.
1920	795.915:200\$000 rs.
1921	804.378:007\$300 rs.
1922	1.037.662:390\$040 rs.

(10) PETRONE (Pasquale) — *Ensaio sobre a função industrial de São Paulo*, em "Paralelos", n.º 6, São Paulo, setembro de 1947.

(11) Tabela organizada com dados obtidos em EGAS (Eugênio) — *Galeria dos Presidentes do Estado de São Paulo*.

Verifique-se o aumento que caracteriza o intervalo entre os anos de guerra e comparem-se os valores de 1908 com os de 1922. É interessante comparar o valor da produção industrial, nos anos que se seguiram à guerra, com a produção agrícola do Estado de São Paulo em 1919-1920, abrangendo café, algodão em carôço, açúcar, aguardente e álcool, fumo, arroz em casca, feijão e milho. Enquanto a produção agrícola chegava a 818.337:628\$400, a industrial, em 1920, atingia 795.915:200\$000. Essas cifras já mostram que a indústria, em São Paulo, caminhava para se equiparar à agricultura.

O fato foi notável, tanto que, pela primeira vez, os presidentes do Estado voltaram sua atenção para a indústria, com maior interesse. Na mensagem de 14 de julho de 1919, que Altino Arantes dirigiu ao Congresso Estadual, lê-se o seguinte trecho: "Os dados de 1918, ainda não apurados, não se afastam muito dos de 1917, muito embora a cessação da guerra, no fim do ano, já fizesse sentir os seus efeitos, determinando a desvalorização de alguns artigos e quase paralizando o trabalho em várias fábricas" (12).

O fim da guerra, inevitavelmente, iria abalar as bases de uma indústria que se desenvolvera em função das condições de um período anormal. Washington Luis, em sua mensagem de 14 de julho de 1921, analisou tão bem o fato, que julgamos ser útil a transcrição de todo o trecho que nos interessa:

"Durante a guerra, as nações européias suspenderam a larga produção industrial que antes constituía a sua riqueza e não fizeram senão consumir..."
"Solicitadas pelas imperiosas exigências desse consumo insaciável as nações neutras ou aliadas distantes e que, pelos pequenos recursos bélicos, não tomaram parte ativa na guerra, começaram a produzir para o abastecimento europeu. Ressurgiram culturas há muito abandonadas. Improvisou-se uma organização industrial que se aperfeiçoou, que absorveu capitais enormes, que contem legiões de operários, que serve, pois, de arrimo a populações numerosíssimas e de base a grande parte da fortuna atual. Por toda a parte, de acôrdo com a matéria prima local, houve um surto industrial vigoroso e extraordinário. No Brasil se viu também esse fato, e em São Paulo ele culminou. Aqui, as indústrias proliferaram; o alto valor daquele consumo, que não podia discutir, remunerava tudo — os salários elevados, as despesas de transporte, os ensaios das indústrias novas — todos os custos de produção e de transporte. Assim, as manufaturas, as fábricas de tecidos, numerosas, aqui se estabeleceram e se desenvolveram, criando de novo nas terras paulistas uma imensa lavoura de algodão. O estabelecimento de quatro matadouros frigoríficos em Barretos, Osasco, Anastácio e Santos, deu incremento extraordinário à pecuária. As indústrias deles derivadas — fábricas de solas, de pentes, de botões, de calçados, etc. — vieram ocupar um espaço considerável na nossa atividade econômica."

(12) EGAS (Eugênio), obra cit.,

Continua Washington Luis mais adiante:

"Feita a paz, porém, as necessidades desse consumo desordenado não se fizeram sentir tão imperiosas, vieram a diminuir até acabar de todo em certos ramos. Particulares, firmas comerciais, grandes estabelecimentos bancários, governos se impuzeram restrições, diminuíram os créditos; determinaram economias compatíveis com a existência; retraíram-se; retiraram-se dos mercados, procurando, desesperadamente, pela menor despêsa, chegar ao equilíbrio anterior à guerra" (13).

Em seguida, o mesmo presidente do Estado mostrou como as nações beligerantes, principalmente os Estados Unidos, voltavam aos mercados mundiais, passando o Brasil a receber uma enxurrada de produtos industriais americanos. Todavia, apesar da situação exposta por Washington Luis, é necessário frizar que a indústria paulista, a paulistana em particular, não sofreu muito com o fim da guerra, pois o abalo não foi suficientemente forte para desorganizar a estrutura que fora criada. A inflação monetária que sucedeu à guerra, permitiu novas iniciativas; a produção foi em grande parte garantida não só pelo mercado consumidor paulista, como de todo o Brasil; procurou-se, com sucesso, colocar os produtos de São Paulo nos mercados platinos. Tanto isso é verdade, que a produção apenas demonstrou tendência a subir, como pode ser verificado pelos quadros contidos na obra de Paulo R. Pestana sobre a expansão econômica de São Paulo, entre 1822 e 1922 (14).

É evidente que a euforia que, durante a guerra, caracterizou a indústria em São Paulo, teve forte repercussão no aglomerado. Bairros como Brás, Bom Retiro, Moóca, Água Branca, já eram tipicamente industriais; o operariado tornou-se uma parte considerável da população urbana.

Significativo o aparecimento, na cidade, de problemas e situações que não conhecera antes, pelo menos com o caráter de que se revestiam na ocasião; é, por exemplo, o caso das greves e distúrbios operários de 1918.

A crise econômica de 1929 também deve ser encarada como fator do desenvolvimento industrial de São Paulo. O Estado sentiu bem de perto a crise devido ao fato de se encontrar sob o domínio da monocultura cafeeira. A super-produção tornou-se inevitável, decorrência lógica do contínuo aumentar da produção e das restrições impostas pelo mercado consumidor. Foi, em grande parte, um reflexo do abalo sofrido pelo mercado de Nova York. Tais fatos praticamente condicionaram, a partir de 1929, o fim do imperialismo da monocultura cafeeira em São Paulo, que acorrentava toda

(13) EGAS, obra cit.

(14) PESTANA (Paulo R.) — *A expansão econômica do Estado de São Paulo num século (1822-1922)* — Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, Serviço de Publicações, São Paulo, 1923.

a economia brasileira em suas cadeias. Em consequência, aproveitou-se o parque paulistano para mais se desenvolver.

De então para cá, a indústria desenvolveu-se em ritmo acelerado, com um acentuado protecionismo do governo federal, particularmente sob o regime estadonovista, até que, nos últimos anos, um novo fator veio impulsioná-la ainda mais: a última grande guerra (1939-1945), que, quase de maneira idêntica à de 14-18, influiu sobre a expansão em volume e em variedade e, consequentemente, em importância, do parque industrial paulistano (15).

O protecionismo, fator não descurável, veio assegurar pelo menos o mercado consumidor brasileiro aos produtos da indústria nacional. Aliás, já nos primeiros anos do século, logo após o surto da década 890-900, estabeleceram-se medidas protecionistas para as manufaturas (16).

A última guerra, mais que a primeira, influiu no desenvolvimento industrial, porque já existia uma quase tradição obreira, já existiam técnicos e operários especializados, capitais, transportes, enfim, todos os elementos necessários para que um parque industrial possa desenvolver-se. O que não impediu que, ao término da guerra, determinados ramos industriais, particularmente o de tecidos, sofressem forte abalo, com uma crise de produção e consequente encerramento das atividades de grande número de fábricas. Apesar disso e apesar da nova enxurrada de produtos americanos, consequência da necessidade que os Estados Unidos têm de encontrar consumidores para a sua produção (que é sempre alta, pois que em grande parte continuam as atividades de guerra), o parque industrial de São Paulo já se encontra numa relativa estabilidade.

Os fatores da industrialização. — Esta estabilidade é permitida por condições que nem sempre existiram ou nem sempre tiveram valor anteriormente. Tais condições são as seguintes: a existência de um mercado consumidor dos produtos resultantes da industrialização; a existência de capitais; mão de obra suficiente e especializada, facilidades de obtenção das matérias primas solicitadas pela indústria, facilidades de obtenção de energia, bons meios de transporte, e, o que é mais importante, harmonia na interação das condições citadas, aliadas às condições decorrentes da situação do centro urbano, assim como das próprias condições que possibilitaram o seu estabelecimento (17).

(15) PETRONE, obra cit.

(16) PESTANA, obra cit.

(17) PETRONE, obra cit.

O Estado de São Paulo, que em 1930 possuía cêrca de 5.000.000 de habitantes, passou a contar com perto de 8.000.000 em 1940 e aproximou-se dos 10.000.000 em 1950 (18). População essencialmente rural até 1930, iniciou daí para diante movimento sempre mais intenso em direção aos centros urbanos (19). As propriedades rurais fragmentam-se em muitas regiões e outras são, desde logo, ocupadas por pequenas propriedades (20); em muitas das regiões novas, o café não mais prospera e a policultura adquire maior importância (21).

Apesar dessa migração para os centros urbanos, particularmente para a cidade de São Paulo, o interior rural de São Paulo continua a constituir um notável agrupamento humano que, embora de nível de vida relativamente baixo, de poder aquisitivo paralelo, sempre constituiu importante absorvedor das manufaturas paulistanas. Mercado consumidor mais apreciável é o representado pelas cidades do interior paulista, apesar de muitas delas já terem algumas indústrias. Dentro do mercado consumidor dos produtos paulistanos devem ser incluídos o norte do Paraná, o sul de Mato Grosso, o Triângulo Mineiro, o sul de Minas, o sul de Goiás, que, graças às vias de comunicação, estão integrados em um todo econômico; deve-se acrescentar o Nordeste, o Recôncavo, Distrito Federal, o Sul do país e, mesmo, regiões do exterior, como é o caso dos países platinos e, esporadicamente outras, inclusive áreas de além Atlântico. Resta lembrar que o próprio aglomerado paulistano absorve parte apreciável dos produtos de sua indústria.

As inversões de capitais foram importantes desde o alvorecer do parque industrial. Capitais estrangeiros, capitais nacionais particularmente depois de 1929; aplicações diretas para empreendimentos apenas no comêço, aplicações possibilitadas pelos lucros obtidos com as primeiras iniciativas. Dentro do parque industrial paulistano, caracterizado mais pelas pequenas indústrias, mais pelas indústrias de transformação, não faltaram os capitais necessários.

Da mesma forma como foram satisfeitas as condições de mercado consumidor e capitais, foram satisfeitas as solicitações de mão de obra. O surto da década de 890-900, em grande parte, foi possibilitado pelo elevado número de italianos que aqui se estabeleceram.

(18) De acôrdo com os censos de 1940 e 1950 e uma estimativa para 1930.

(19) ALMEIDA (Vicente U.) e MENDES SOBRINHO (Otávio T.) -- *Migração rural-urbana* -- Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo, 1951.

(20) MÜLLER (Nice Lecocq) -- *Sítios e Sítiantes no Estado de São Paulo*, Boletim n.º 132 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1951.

(21) MONBEIG (Pierre) -- *Pionniers et planteurs de São Paulo* -- Lib. Armand Colin, Paris 1952.

É preciso acentuar que os primeiros muitas vezes eram artífices especializados, o que explica, em alguns casos, a presença de trabalhadores de determinadas nacionalidades em algumas fábricas — alemães, franceses, italianos; há um caso em que todos são venezianos (22).

Mais tarde, a crise econômica de 1929 foi também um fator que permitiu maior disponibilidade de braços para a indústria. Com a crise, houve falta de trabalho no campo, instabilidade de vida e, com isso, teve início importante corrente migratória rural-urbana em direção a São Paulo. O êxodo intensificou-se. O aglomerado desenvolveu-se extraordinariamente, para isso concorrendo a industrialização, que foi, em grande parte, também responsável pela fuga das populações dos campos. De resto, a imigração também forneceu sua parcela, que, em parte, é continuada pela penetração, em todo o Estado, de nordestinos. Estes últimos, assim como muitos imigrantes, não suprem as necessidades paulistanas, pois nem sempre possuem a bagagem técnica necessária. Daí o paradoxo da falta de mão de obra verificada hoje em dia em São Paulo, quando milhares de pessoas anualmente chegam à cidade. Daí a busca de operários especializados nos países europeus, apesar da premência de se conseguir mais braços para a lavoura.

De um modo geral, pode-se afirmar que não faltou matéria-prima para possibilitar a criação de um parque industrial. É bem verdade que no fim do século passado e no início do atual, muitos estabelecimentos fabris importavam a matéria-prima de que necessitavam. É o que nos atesta Bandeira Júnior (23). Até mesmo fábricas de móveis, mandavam buscar madeira para a sua produção. Essa situação, entretanto, em seguida modificou-se bastante.

O principal fornecedor de matérias-primas para a indústria paulistana é a hinterlândia de Santos. Basta lembrar o algodão, uma das matérias-primas mais utilizadas pela indústria de fiação e tecelagem, a principal de São Paulo, para comprovar o fato. O restante do Brasil e, em menor escala, outras partes da América, também fornecem matérias-primas.

É necessário acentuar que, em muitos casos, a indústria paulistana importa matéria-prima semi-acabada. Acentua-se, mais uma vez, um caráter da indústria paulistana — o aproveitamento de produtos semi-manufaturados, para completar a sua feitura aqui. Neste caso estão muitas fábricas filiadas a estabelecimentos norte-americanos.

(22) BANDEIRA JÚNIOR obra cit.

(23) BANDEIRA JÚNIOR, obra cit.

Um dos grandes problemas que a indústria paulistana teve e tem de enfrentar é o da energia. Também ele foi resolvido, se bem que, de tempos em tempos, apareça uma crise nesse setor. Nos primeiros anos de seu desenvolvimento industrial, São Paulo não possuía energia elétrica que possibilitasse a instalação de grandes fábricas. Esse é o motivo por que, durante a década 890-900, com muita frequência aparecem as referências às "fábricas a vapor" (24). É por isso que nos livros aqui impressos, no início do século, lê-se: "impresso na tipografia a vapor. . . . etc." Essa situação foi modificada com o aparecimento da "Light". Iniciando suas atividades em 1901, com a instalação da usina geradora de Parnaíba, a "Light" logo criou, na região de São Paulo, um sistema de usinas, dentre elas destacando-se a do Cubatão que, em 1950, atingiu a capacidade de 668.000 HP. Não cabe, aqui discorrer sobre o problema da energia; é bastante acentuar que a região de São Paulo, a mais industrializada da América do Sul, em grande parte devido às suas possibilidades energéticas, sofre hoje nova crise, em virtude dessas possibilidades não terem acompanhado o crescimento do parque industrial.

Para que tenhamos uma idéia sobre a importância da "Light" é bastante atentarmos para o seguinte: em 1901, o número de consumidores era de pouco mais de 1.000; em 1912 chegou a 10.000 e, em 1950, atingiu a cifra de 441.439 (25).

Acresce que, além da energia elétrica, São Paulo consome energia resultante da queima de combustíveis diversos.

Torna-se preciso acentuar que a zona servida pelo grupo Light, dentro da qual encontra-se São Paulo, oferece uma situação que a maioria das indústrias julga imprescindível, ou seja, energia relativamente barata e segura. A estabilidade no fornecimento de energia é, em grande parte, responsável pela segurança das iniciativas no setor industrial de São Paulo.

Como que completando as vantagens oferecidas pelas condições acima mencionadas, São Paulo, consideradas as diferentes fases de seu período industrial, sempre foi bem servido quanto a transportes. Não nos interessa analisar a rede de comunicações paulistanas. Basta acentuar que as principais ferrovias e rodovias do Estado abrem-se em leque a partir da cidade de São Paulo, indo atingir o sul de Minas, o Triângulo Mineiro, sul de Goiás, sul de Mato Grosso e norte do Paraná. Esse sistema, com suas ligações

(24) É o que se verifica lendo-se a relação das fábricas na obra de BANDEIRA JÚNIOR, já tantas vezes citada.

(25) THE S. PAULO TRAMWAY LIGHT AND POWER CO. LTD. — *Cinquenta anos de progresso com São Paulo* (1900-50).

transversais, comunica entre si todas essas áreas, correlacionando o centro produtor industrial, os centros consumidores e os centros abastecedores de matérias primas. Bastante importante é a íntima relação existente entre a E. F. Santos-Jundiaí, a usina hidro-elétrica do Cubatão, as cidades de São Paulo e Santos. O parque industrial paulistano lança uma sólida ramificação ao longo da via férrea, em direção a Santos. Pode-se afirmar que o futuro industrial dêsse trecho entre as duas cidades é bastante promissor. As vantagens dessa área são múltiplas, entre elas podendo destacar-se as seguintes: a presença da usina hidro-elétrica do Cubatão, favorecendo o desenvolvimento industrial; o aglomerado paulistano, por meio do qual a região se comunica com uma vasta hinterlândia; o aglomerado santista, pôrto de mar, por intermédio do qual a região se comunica com o litoral brasileiro e o exterior; a existência da via férrea e da via Anchieta, possibilitando a união São Paulo — Santos. (36).

Em conclusão. — Por tudo quanto foi dito, verificamos que na região de São Paulo se formou um complexo industrial possibilitado por condições naturais convenientemente aproveitadas pelo homem e por condições por ele criadas; verificamos também, entretanto, que a indústria paulistana repousa, em parte, sobre bases pouco sólidas, pois, para seu incremento, contribuíram situações anormais como as conflagrações mundiais e situações artificiais geradas pelo protecionismo.

Por outro lado, não deixa de ser interessante notar que toda a área geográfica do parque industrial paulistano depende de um único ponto, que lhe é vital: a zona da serra do Mar e vizinhanças, onde encontramos as represas e a Usina do Cubatão, as rodovias e ferrovias entre Santos e São Paulo e, atualmente, também o oleoduto entre as duas cidades.

É bem de ver que o parque industrial paulistano solicita outras medidas, ligadas principalmente ao suprimento de energia, fornecimento de matérias primas e transportes, para que se tornem mais estáveis as condições de produção e distribuição de seus produtos.

(26) PETRONE, obra cit.